

POR UMA TV DE VANGUARDA

Arrojado, criativo, vanguardista são adjetivos bem pertinentes a Fernando Faro, homem que há quatro décadas faz televisão no Brasil

O diretor e produtor de TV Fernando Faro, entrevistado de **Comunicação & Educação**, é fonte constante de criatividade, desafiando as leis de mercado e insistindo em trazer para a televisão uma programação de qualidade. Ao longo de quatro décadas, esteve à frente, junto com importantes nomes da TV brasileira, de programas históricos como TV de Vanguarda, Móbile, MPB Especial, Teatro 2, Feira de Música, Ensaio, shows e festivais. Como criador e responsável pelo

programa Ensaio trouxe para a TV o melhor da música popular brasileira. São cerca de 400 programas entre o início na TV Tupi e, desde 1989, na TV Cultura, agora resgatados com o lançamento, pelo Sesc, do álbum: A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes. Faro fala emocionado dos grandes amigos Vinícius de Moraes, Cassiano Gabus Mendes e Baden Powell. É um otimista e aponta o jornalismo como futuro da TV aberta.

Por Roseli Fígaro

Revista Comunicação & Educação: Quería que você contasse a sua trajetória desde a Tupi, onde você fez coisas importantes, e que nos dissesse se antes da Tupi você trabalhou em algum outro veículo de comunicação.

Faro: Quando parei no terceiro ano de Direito na USP, fui trabalhar num jornal, comecei como repórter.

RCE: Saiu da Faculdade de Direito e foi trabalhar em um jornal?

Faro: É. Trabalhei no jornal A Noite, depois no recém fundado Jornal de São Paulo. Era o jornal do Ademar de Barros. Trabalhava com gente fantástica: Geraldo Ferraz, companheiro de Pagu, a Patrícia Galvão, também colaboradora do jornal, Jorge Marques, Péricles Eugênio da

Silva Ramos. No Jornal de São Paulo nós criamos o Suplemento Literário, foi uma experiência maravilhosa. Depois, trabalhei no jornal O Tempo. Quando fechou, fui para a Rádio Cultura. Na rádio, fazia um programa que trazia obras de artistas desconhecidos do público. Do rádio, fui trabalhar na TV Paulista. Ficava na rua das Palmeiras. Lá, mandaram-me para o jornal da TV, porque na parte artística não tinham vagas. Um dia encontrei o Costa Lima, o Costinha, responsável pelo pessoal, aproveitei a oportunidade e disse a ele que aquele trabalho não era o meu forte, que queria ir para outra função. Mas ele, com aquela mania de chamar todo mundo de *figura*, disse-me: “É, figura, esse é o seu negócio sim. Nós precisamos de você aí.” Então, acabei ficando por dois anos. Passei a editor chefe do jornal. Depois desse tempo, cheguei para o Luizinho, ele era uma espécie de gerente, e disse que não agüentava mais. Aquele não era o meu caminho. Ele insistiu: “Você não pode sair, Faro”; mas, no dia seguinte, nos encontramos e ele perguntou se queria mesmo sair e deu-me uma cartinha para eu levar para o Cassiano (Cassiano Gabus Mendes). Marquei na TV Tupi e levei a carta. Quando encontrei o Cassiano, ele começou a conversa assim: “Já me falaram de você. É o seguinte, você vai fazer, a título de experiência, o *TV de Vanguarda*”. Este era um programa de teleteatro, adaptação de peças teatrais e de literatura para a televisão. Foi idealizado pelo próprio Cassiano e pelo Fernando Barbosa Lima, ainda em 1952. Então, fiz uma adaptação de um trecho de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. As pessoas gostaram. Consegui um contrato de três meses. Não tinha um mês no cargo e pediram-

me para fazer Rádio Tupi e TV Tupi.

RCE: *Isso era sessenta e...*

Faro: 1964.

RCE: *Você trabalhava com muita gente boa.*

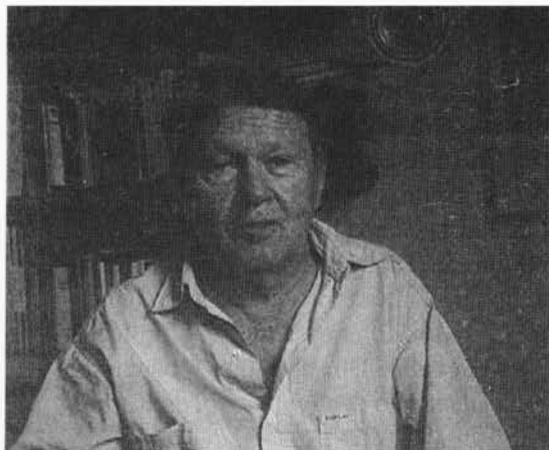
Faro: É. Outro dia encontrei com a Vivinha (Eva Wilma) e lembramos com saudades alguns trabalhos que fizemos juntos. Tive a oportunidade de trabalhar com ela quando o Cassiano pediu para eu o substituir: “Baixo, você faz o *Alô Doçura* pra mim?” E fiz. Foi divertido. Foram alguns programas apenas. Depois do *TV de Vanguarda* fiz um programa chamado *MóBILE*. Era um programa cuja idéia partiu dos móveis de Calder. O *MóBILE* também percorreu um caminho difícil.

Eu era ingênuo, queria trazer para a televisão as coisas mais avançadas das outras artes.

Trouxe obras de André Gide, Thomas Mann, Goethe, Bejart, Kafka. Adaptava as obras desses artistas para a televisão. Procurava dar uma visão geral das artes. Depois disso, lá na Tupi mesmo, trabalhei com propaganda. Passei também por todas as agências de propaganda de São Paulo. Ganhei experiência.

RCE: *Você falou que era ingênuo. Por que ingênuo?*

Faro: Porque isso de querer civilizar o mundo é uma coisa quixotesca. Mas acho que valeu muito, porque eu fazia uma coisa vertical, era uma proposta de formação vertical. E essas coisas que fiz foram depois horizontalizadas em novelas, como, por exemplo, Beto Rockfeller.



Fernando Faro é diretor e produtor de TV.

RCE: *Gostaria que você falasse um pouco mais a respeito dessa experiência inicial, quando você trouxe coisas do teatro, da literatura, da dança, do cinema para a televisão que, nos anos sessenta, tinha um outro alcance, atendia a um outro público.*

Faro: Levava para o *Móvil* convidados muito especiais. Levei várias vezes o pessoal do Movimento Concreto¹, o Augusto e o Haroldo de Campos, o Décio Pignatari. Esse programa procurava desmistificar o artista entrevistado. Por exemplo, uma entrevista na televisão tem toda aquela preparação, a montagem do espetáculo, perde-se a espontaneidade. Então, sempre procurava um meio de quebrar isso. O Décio Pignatari ia ao programa e levava a revista do Movimento Concreto. Eu escolhia um trecho e dizia para ele ler e falar sobre aquilo. Um dia, o Décio chegou, tirei a revista dele e o empurrei para a cena – claro que deixei umas referências para que ele não se perdesse

de todo, nem eu. Comecei o programa, fazia perguntas e ele respondia, quando ele olhava de um lado, lá estava a luzinha vermelha da câmera, de outro lado, lá estava a outra câmera. Então, ele ficava assim meio perdido, e esse perdido foi para mim um grande momento de informação.

RCE: *Essa experiência toda em busca de uma linguagem resultou na forma do Ensaio?*

Faro: Sempre houve essa preocupação. Quando cheguei na televisão, sempre procurei trazer coisas das vanguardas artísticas, procurando uma linguagem de vanguarda para a televisão. Tem um ditado que diz que “a água toma a forma do vaso que a contém”. Então, acho que a pintura, a literatura etc. são expressões que podem vir para a televisão, porque vão tomar sua forma própria. O Jorge Amado, por exemplo, com a Gabriela, passou a ser um sucesso literário muito maior, sua obra foi revitalizada depois que apareceu na televisão.

RCE: *Qual é a especificidade da televisão? O que é da televisão?*

Faro: Costumo dizer que televisão é e sempre foi um veículo de baixa definição.

A televisão é um
bombardeamento de pontos.
Faz com que a vejamos como
um rascunho, vamos
preenchendo os espaços.

O comportamento do espectador é diferente do espectador de cinema, por

1. Movimento concreto começa no Brasil em 1952. Em São Paulo, é lançado o primeiro número da revista *Noígrandes*, editada pelo grupo de mesmo nome, formado por Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos. (N. Ed.)

exemplo. Na televisão se tem uma imagem de baixa definição, o telespectador está assistindo e atende ao telefone, ou vai ao banheiro, volta, conversa com alguém. Não fica como se estivesse diante de uma coisa de alta definição, absorvido por ela, exigido por inteiro.

RCE: *Na Tupi você teve um percurso importante desde o TV de Vanguarda. Como foi a sua trajetória até chegar ao trabalho que você tem hoje na TV Cultura?*

Faro: Na Tupi, durante um período, passei a ser diretor musical, acho que era 1969. Fiz vários festivais, a *Feira de Música*, um programa que acho importante que tenha feito. Era uma feira de música mesmo. O Paulinho da Viola lançou *Foi um rio que passou em minha vida* neste programa; Toquinho fez *Que Maravilha* com Jorge Ben (Jorge Ben Jor) e lançou na *Feira de Música*; Jorge Ben fez *Cadê Teresa* e foi lá para lançar; Sérgio Cabral escreveu sobre o Cartola e foi ler na *Feira*. Rogério Duprat ia lá para reger uma orquestra... Como diretor musical fiz todos os festivais da Tupi, os universitários e os de música popular.

RCE: *O primeiro festival de música popular foi pela Tupi ?*

Faro: Não, o primeiro festival foi na Excelsior, foi o que consagrou *Arrastão*, de Edu Lobo, na voz de Elis Regina. Depois os outros aconteceram na Record. Foi um tempo fantástico para a televisão. A Tupi foi na esteira disso, fazendo o festival universitário e os de música popular. Ainda quando estava na Tupi, como diretor musical, comecei a fazer o *Ensaio*, o Cassiano tinha acabado de sair da emissora.

RCE: *Foi você quem criou o Ensaio, na Tupi?*

Faro: É, na Tupi, em 69. Lembro que um dos primeiros foi com a Gal Costa, na seqüência, foram Zé Rodrigues, Robertinho do Acordeon. Depois fui fazer na TV Cultura um negócio chamado *MPB Especial*, porque na Tupi já tinha o *Ensaio*. Nesse tempo de Cultura fiz outras coisas, fiz teatro, o *Teatro 2*, era a adaptação do teatro para televisão. Um de muita repercussão foi a adaptação de *O processo*, de Kafka.

RCE: *O Ensaio, que nasceu na Tupi, já tinha esse formato?*

Faro: Exatamente a mesma coisa.

RCE: *Quer dizer que você começou com este formato de entrevista empurrando o Décio Pignatari, lá no Móbile?*

Faro: Empurrando o Décio, no Móbile? Não, porque depois disso fiz um programa também chamado *Colagem*. Éramos o Avancini, o Abujamra e eu. Foi muito divertido.

RCE: *De onde veio a idéia desse tipo de entrevista que você realiza no Ensaio?*

Faro: Essa idéia de entrevista nasceu no tempo em que era jornalista na TV Paulista, e andei atrás de uns bandidos, uns dois, Promessinha e Jorginho.

RCE: *Você andou atrás do Promessinha?*

Faro: Andei. Mas o Néelson Gato conseguiu entrevistá-lo antes de mim. Quando o Jorginho foi preso, avisaram-me. Então, fui até a prisão, era lá onde é hoje o Deic. Não podia entrar na cela, peguei o microfone, dei para ele, e eu ficava do lado de fora da cela, fazendo as perguntas e ele ficava lá dentro respondendo. Quando fa-

zia meus programas na TV, aquela imagem do Jorginho sempre me vinha à cabeça. Foi daí que tirei a idéia da forma de entrevista do *Ensaio*.

RCE: *A linguagem do Ensaio ainda hoje é revolucionária para a televisão. Você consegue tirar de quem vai ao programa o que revela de fato a obra e o ser do artista, você consegue fazer a pessoa se soltar.*

Faro: Fiz uma vez um programa com o João Bosco. Ele começou cantando uma música do Eduardo das Neves: “*Lua, manda a tua luz prateada despertar...*” Cheguei para o João e disse: “João, vem cá, você sabe que isso é muito bonito?” Aí o João respondeu que essa pergunta o fazia lembrar a mão do pai dele, tocando



Faro faz parte da história da TV brasileira

violão com os amigos, na varanda da casa onde passou sua infância, fazia-o ver o pai, ouvir o violão dele. Por isso digo que no

Ensaio não se faz apenas uma entrevista, se faz uma análise...

RCE: *Quantos Ensaios você já fez?*

Faro: Ah, uns 400.

RCE: *Onde estão ?*

Faro: Os primeiros, na Tupi. Por enquanto. Digo por enquanto, porque de mês a mês chega alguém dizendo que aqueles programas não têm mais condições, não se aproveita nem o som, nada.

Quando apareceu o projeto do Sesc para recuperar a memória da música brasileira e conservar aqueles programas, achei muito bom, pelo menos conserva-se a memória.

RCE: *E os que estão na Cultura ?*

Faro: Estão lá. Revendo pedaços, réstias de um *Ensaio* chamado *A Bênção Clementina!*, com a Clementina de Jesus, recordei momentos maravilhosos da música popular brasileira. A Clementina cantando e mexendo um caldeirão com feijoada, com todo o pessoal da velha guarda... Tem tudo isso registrado...

RCE: *É difícil passar essa sua vontade de criar e manter uma linguagem nova para a entrevista para a equipe técnica? Como é isso?*

Faro: Não. Fiz esses programas com todo mundo, fiz com o Pipoca, com o Irineu de Castro. Qualquer profissional que estivesse lá, cortando, não tinha erro, porque o erro estava bom.

RCE: *Além do Ensaio, o que mais você tem feito?*

Faro: Fui professor da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, durante alguns anos e depois passei para as Faculdades Integradas São Marcos, em São Paulo, onde estou até hoje. A par disso, fiz a produção de discos e shows. Neste tipo de trabalho acabei ficando muito amigo do Vinícius de Moraes. Nós nos falávamos todos os dias, éramos muito amigos. Quando ele já estava doente, organizamos um *show*. Foi o último *show* dele. Ele estava meio chateado e no ensaio, passando o texto, disse a ele: “Não é assim que eu quero, põe a voz na garganta e diz passando o texto...” Era assim..., brincávamos um com o outro. Chegou o dia do *show* e, como sempre, o Vinícius estava atrasado. A casa estava lotada e o Toquinho preocupado. Disse a ele que sem o Vinícius o *show* não começava, o público podia chiar, mas sem ele não começávamos. Foi quando o Vinícius chegou, soltamos o som: “*poeta, poetinha camarada...*”. Vinícius sentou-se no banquinho e começou a cantar: “*Se todos fossem iguais a você...*”, ele me chamou, pegou minha mão, colocou-a colada ao seu rosto e ficou assim a música toda. Fiquei em frangalhos... isso significa muito para mim, éramos grandes amigos.

RCE: *Você estava falando que a televisão é um veículo de outros veículos. Do ponto de vista da verticalidade, você buscou trazer muitos veículos para dentro da televisão?*

Faro: Procurei fazer isso, principalmente no *TV de Vanguarda*. Em um dos últimos programas, adaptei uma história que se chamava *Triângulo*. Era a história de um triângulo amoroso, contada sob diferentes pontos de vista. Na época, estava

com muitas idéias novas na cabeça, estava lendo coisas do *nouveau roman* francês, e enfim, o primeiro ato da história era contado a partir do ponto de vista da mulher; o segundo ato era a mesma história do ponto de vista do marido; e o terceiro, a mesma história do ponto de vista do amante. Parece que o diretor comercial da TV não gostou muito e foi aí que o Cassiano pediu para eu fazer um outro programa. “Faz um programa no sábado, às 23h30min. Faça o que você quiser.”

Assim criei o *MóBILE*. Tinha total liberdade com o Cassiano.

Um certo dia esse diretor comercial passou por mim e perguntou como era mesmo o nome do novo programa que estava fazendo, disse a ele que era *MóBILE*, ele elogiou o programa e então fiquei fazendo por um bom tempo. Isso me faz lembrar uma outra passagem muito importante para mim. Você sabia que um pouco antes de o Cassiano morrer, briguei com ele? Pelo seguinte: eu estava na Globo, no Rio de Janeiro, e disseram-me que o Cassiano tinha tido um problema no coração e estava internado em São Paulo. Larguei tudo, tomei o primeiro avião para São Paulo e fui para o hospital. Chegando lá, não me deixaram entrar. Disseram-me que o Cassiano não queria receber ninguém. Então disse a eles que eu era amigo do Cassiano, que estava lá para qualquer coisa, se ele precisasse de uma perna, eu estava dando uma, se ele precisasse de um braço, dava um dos meus! Mas não me deixaram subir. Fiquei muito irritado e então deixei o recado: “Fala para o Cassiano que o

Faro mandou-o a puta que o pariu.” Voltei para o Rio. Depois encontrei o Cassiano, já bem melhor, e ele disse que havia recebido meu recado, mas não sabia que era eu na portaria. Ele estava entubado. Se soubesse, disse que arrancava tudo e ia encontrar-se comigo. O Cassiano era assim!

RCE: *Sei que você está mexendo com produção de CDs, está organizando festivais. Fale um pouco destes trabalhos. Você foi se dedicando mais à música. Como é que foi isso?*

Faro: À medida que o tempo passa, dedico-me mais à música. Gosto muito de teatro, tem coisas que gostaria de fazer, mas a música foi ocupando mais espaços. Tem até uma história engraçada. Quando fazia a *Hora de Bossa*, o pessoal da TV dizia para eu fazer um programa mais *gingado*. Diziam que os artistas que levava não tinham voz nenhuma. Ficavam implicando porque eu não chamava o Sílvio Caldas para cantar, ou o Orlando Silva. Não conseguiam compreender que música era aquela que cantavam. Eles estavam referindo-se a Baden Powell, a Vinícius de Moraes e a muitos outros artistas importantes.

RCE: *Você está lançando um CD póstumo do Baden Powell ?*

Faro: É. Gravei os dois últimos CDs dele. Tenho muitas lembranças. Gostava muito dele, um grande homem. Um grande amigo e, para mim, o maior nome do violão brasileiro, mais do que isto: com a morte dele, morreu o último grande músico brasileiro. Violonistas até temos, mas como o Baden não. Perto dele os outros são quase *datiló-*

grafos. Baden conseguia aquela coisa mágica. Assim também era o canto da Clementina de Jesus.

RCE: *E hoje, quem são os grandes nomes da música ?*

Faro: Tem uma coisa interessante: a nossa música sempre ganhou muito com o pessoal que vem do Norte. O Rio também colabora muito. Hoje temos muita coisa boa. Tem esse pessoal do Manguê Beach, Lenine, enfim muita gente.

RCE: *Para o mercado fonográfico só existem pagode-axé-brega-sertanejo. O que está acontecendo?*

Faro: Tudo isso faz parte. No horizonte da música brasileira cabe o axé, cabe o pagode, cabe a música caipira, cabe a música sertaneja, cabe o bumba-meu-boi. Temos que conviver com isso, aceitar isso tudo. Não apenas aceitar, mas até aplaudir, porque são alentos. Tem inclusive essa moda de se buscar na África nomes para identificar a música. Essas coisas são mais para fazer papel, porque tudo isso é mesmo brasileiro.

RCE: *Desse caldo todo, o que você identifica como música brasileira ?*

Faro: Houve um tempo em que, no Brasil, a influência americana foi muito maior. As versões foram também uma fase da música brasileira. Tudo que se canta aqui, na nossa língua, é brasileiro, não é mais o que era. Passou por aqui, foi aproveitado, já é outra coisa: é brasileiro.

RCE: *O que é importante na televisão hoje?*

Faro: Você quer falar, por exemplo, do futebol, essas coisas? (risos)

RCE: *Não. O que você acha das telenovelas? Estão piores do que eram? Este é um gênero que já teve seus grandes momentos?*

Faro: Lembro-me de telenovela no tempo do *Beto Rockfeller*, também de uma outra novela que teve na Globo chamada *Que Rei Sou Eu?*. Por acaso, ambas do Cassiano. Dizem que *Beto Rockfeller* é do Bráulio Pedroso. Não é. Eu cuidava da música e tudo o mais, participei de mil reuniões nas quais o Cassiano chegava e dizia assim: “Agora o Beto vai na casa da Malu, depois sai, quando sai, fecha o bloco aí, entende Bráulio?” Ele dava o esquema todo. São essas histórias que fizeram a televisão. Um dia desses estava numa banca de mestrado, na Faculdade São Marcos, era um trabalho sobre história da televisão. Fiz umas críticas ao trabalho da moça, dizendo que ela teria que ter conversado mais com pessoas que fizeram televisão para saber que nossa experiência parte de dois grandes ramos: o Cassiano Gabus Mendes e o José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni). Esses dois caras fizeram a televisão brasileira.

Do Cassiano saiu todo mundo:

Walter Durst, Lima Daurte,
todo mundo...; do Boni saiu
todo o pessoal que está aí, o
Daniel Filho e tantos outros.

RCE: *São linhas diferentes?*

Faro: São bem diferentes. O Cassiano era uma coisa fantástica, porque era meio amador. Ele gostava daquilo que fazia. Quando alguém precisava de um cara para narrar um texto, de um sonoplasta, qualquer atividade, se o Cassiano estivesse

disponível, ele ia e fazia o melhor. Ele foi diretor de TV, você precisava ver que diretor! O Boni é um profissional formado na televisão. Ele é muito ligado na estética, preocupado com a tecnologia. Um dia destes encontrei com ele e lembramos quando ele ia assistir ao meu programa, o *Móbile*. O Boni ficava sentado vendo o programa todo ser gravado.

RCE: *O Boni pensa na televisão mais como negócio do que como arte?*

Faro: Não. O Boni pensa a televisão como uma coisa muito técnica e que tem que ser cuidada tecnicamente, aperfeiçoada cada vez mais. Quem tem que pensar na televisão é ele. É difícil para quem o assessora, porque só ele pensa. O Boni costumava dizer: “Não pense, deixe que eu penso, invente aí as brincadeiras que quiser, e eu penso”.

RCE: *E o rádio, com as novas tecnologias, ele será um veículo do futuro, ou continuará a ser tratado como um veículo de segunda importância?*

Faro: O rádio sempre foi importante e continuará sendo. Quando fui trabalhar em rádio, fazia dois programas: um veiculava músicas que não estavam nas paradas de sucesso e o outro foi muito inspirado no Mário de Andrade, chamado *Na Pancada do Ganzá*. Era uma coisa mais tradicional, mais da cultura popular. Quando quis mudar para o Rio, fui à Rádio do Ministério da Educação e eles gostaram da idéia do programa *Na Pancada do Ganzá*. Aceitaram fazer um contrato, com isso eu já tinha como garantir o dinheiro do aluguel, só faltava conseguir um outro emprego para comer. Lembrei-me de um amigo que ficou de apresentar-me ao

Paschoal Carlos Magno. Fui atrás dele, fomos falar com o Carlos Magno que me ofereceu um trabalho para escrever umas coisas lá para o jornal em que ele trabalhava. Fiquei meio desconfiado, não gostei, peguei o avião e voltei para São Paulo.

RCE: *E a TV pública, vai ser devorada pelo mercado ou tem esperanças?*

Faro: Não podem deixar acabar. A televisão não funciona como uma banca de frutas. Quer banana, compra-se, pague-se, até logo. Ela é muito mais que isso, principalmente quando se trata de TV pública. Mas ela depende muito de quem a dirige. Tive uma experiência muito difícil como assessor da presidência da TV Cultura. Um dia precisei de um documentário sobre a Segunda Guerra, não tínhamos no nosso setor, solicitei a um outro departamento da emissora, mas disseram-me que não podiam emprestar. Teria que comprar fora. Percebi que tínhamos uma televisão dividida em mil pedaços, com donos diferentes. Cheguei à conclusão de que precisava mudar aquilo, tivemos que mexer com as pessoas, reestruturar.... Foi muito desagradável. Mas na televisão comercial a coisa também é complicada. Quando fazia *Móbile*, o diretor comercial era contra mim. Ele queria uma programação mais horizontal, mas o Cassiano via a importância de uma outra linguagem, era ele que me segurava. Depois de uns quatro anos, cheguei para o Cassiano e disse que não agüentava mais fazer o *Móbile*. A partir de então comecei o *Hora de Bossa*. Um dia, esse diretor comercial foi falar de mim

para o Cassino e ele, como era muito meu amigo e confiava no meu trabalho, disse: “Entre você e o Faro há uma diferença brutal, e eu fico com o Faro.”

RCE: *A televisão ganha em tecnologia e perde em criatividade?*

Faro: Tenho um lema que é um lema Dadá². Os adeptos do Dadaísmo faziam palestras e terminavam dizendo: “abaixo Dadá, abaixo a arte, viva a vida.”

RCE: *Quais perspectivas você aponta para a TV aberta?*

Faro: Aponto o jornalismo. Esse é um tipo de programação que vai crescer na TV aberta.

RCE: *Este não seria um gênero mais conveniente à TV paga, atendendo a um público mais seletivo, preocupado em informar-se melhor?*

Faro: Não, tem que ser na TV aberta, porque esta outra custa um dinheiro a mais que o telespectador tem que desembolsar. E o público que pode pagar tem outros meios para obter informação. Por exemplo, os programas do Ratinho, do Leão são uma espécie de programa de informação. Eles passam as notícias que os jornais não dão. Contam dramas, histórias que são como capítulos de um folhetim, de uma novela, mas estão falando do dia-a-dia.

RCE: *Você é um otimista em relação à televisão?*

Faro: A televisão pública é essencial no quadro geral das televisões abertas, e a

2. Dadá é o nome inventado para o movimento vanguardista nas artes (Dadaísmo), que se inicia no contexto da Primeira Guerra Mundial. Propunha negação de todas as regras e formalismos. (N. Ed.)

perspectiva é essa, a do jornalismo.

RCE: *Quais são seus planos para o futuro?*

Faro: Bom, quero fazer o 26º. encontro cultural de Laranjeiras, em Sergipe, onde me criei. Esse encontro folclórico apresenta várias manifestações culturais, por exemplo, a Taieira, que não tem em canto nenhum do Brasil, só lá.

Resumo: Comunicação & Educação entrevista Fernando Faro, produtor e diretor de TV, há quatro décadas realizando trabalhos inovadores e de qualidade inquestionáveis como foram os programas: *TV de Vanguarda*, *Móbile*, *MPB Especial*, *Teatro 2*, *Feira de Música* e o excelente, ainda no ar, *Ensaio*. Fernando Faro fala de seus trabalhos e lembra os grandes amigos Cassiano Gabus Mendes, Vinícius de Moraes e Baden Powell. Conta como nasceu a idéia do tipo de entrevista que faz com os músicos e cantores que se apresentam no programa *Ensaio*. Mostra-se um grande conhecedor do teatro, da literatura, da música e das artes plásticas, sempre buscando trazê-las para a televisão. É um otimista ao defender a importância da TV pública e apontar o jornalismo como perspectiva para a TV aberta.

Palavras-chave: Fernando Faro, TV Tupi, TV Cultura, Ensaio, música, teleteatro

RCE: *O que é Taieira?*

Faro: Taieira é um cortejo feminino para São Benedito. Quero registrar também a Chegança, o Reisado, o Caboclinho. Quero registrar tudo isso, quero fazer um documentário também sobre histórias das gentes dos engenhos. Estou querendo contar essas histórias. É isso, essa é a vida!

(For an avant-garde TV)

Abstract: Comunicação & Educação interviews Fernando Faro, TV producer and director who has been producing innovative work that has unquestionable quality, such as the following shows: *TV de Vanguarda*, *Móbile*, *MPB Especial*, *Teatro 2*, *Feira de Música* and the excellent *Ensaio*, that is still on the air. Fernando Faro talks about his work and remembers his great friends Cassiano Gabus Mendes, Vinícius de Moraes and Baden Powell. He tells us how it was that the idea of interviewing musicians and singers who appear on the *Ensaio* program came up. He is very knowledgeable about the theater, literature, music and plastic arts, and he is always trying to bring them to television. Faro is an optimist. He defends the importance of public TV and points to journalism as a perspective for open TV.

Key words: Fernando Faro, TV Tupi, TV Cultura, Ensaio, music, "tele-theatre"